

## A ECONOMIA POLÍTICA E A AGRICULTURA (1)

Os quatro grandes agrupamentos económicos no seu desenvolvimento histórico, podem escalonar-se dêste modo, entendendo-se por unidade económica o círculo no qual se passam os principais fenómenos económicos da *produção, distribuição e consumo* das riquezas materiais:

- I. Economia familiar ou doméstica;
- II. Economia urbana;
- III. Economia nacional;
- IV. Economia mundial.

Na Economia familiar engloba-se: 1.º a *grande família*, que a escola «da ciência social» qualifica de família *comunitária* e que compreende pais e filhos solteiros, avós, mulheres dos filhos, netos e serviçais. É a família da Idade-Média na Europa; 2.º a *pequena família*, de nossos tempos, compondo-se ordinariamente e actualmente dos pais e filhos solteiros; 3.º o *domínio*, que é uma espécie de família sob a chefia de um Senhor ou de uma abadia, agrupando numerosas pessoas e famílias consagradas a vários mesteres, que teve lugar considerável nos séculos XI e XII.

Qualquer dêstes três núcleos bastava-se a si mesmo.

No segundo degrau desta escada económica, o reduzido agrupamento principia de alargar-se e surge a Economia urbana, que, iniciada na Europa ainda nos séculos XI e XII, vem até nascer a Economia nacional, que se caracteriza amplamente no século XVII, tendo seus tipos representativos na política mercantilista de Colbert e Isabel de Inglaterra.

A supressão das barreiras nas cidades, a interpenetração

---

(1) Prelecção inaugural da cadeira de Economia Rural, no Instituto Superior de Agronomia — Ano lectivo de 1921-1922.

das províncias, as vias de comunicação, a organização da polícia penal, a administração global, os sistemas monetários nacionais, o exército nacional, a produção numas regiões de cousas destinadas a outras regiões, tornam *o país a unidade económica*, e um grande mercado nacional se forma anulando os mercados locais, ao mesmo tempo que *o país se transforma em unidade política*. Vem então o desenvolvimento industrial e comercial das nações modernas. De qualquer forma fomos nós, os portugueses, os que alçapremaram a civilização para este terceiro estágio pela descoberta da via marítima para a Índia.

Com o século XIX abre-se para a Europa ocidental e central e para os Estados Unidos a Economia mundial, o quarto estágio. As teorias livre-cambistas irrompem com Adam Smith, Cobden e Peel. No precedente estágio as províncias interpenetravam-se. Cabe agora a vez economicamente às nações pela influência contínua dos mercados de umas sobre os de outras, de tal maneira que acima dos mercados locais e nacionais um mercado internacional se constitue. Há barreiras aduaneiras entre países, há grandes exércitos para cada nação; não se perdeu a unidade económica nem a unidade política, mas existe uma solidariedade económica entre as nações.

Tais são em rapidíssimo escôrço os estádios do desenvolvimento económico contra os quais é preciso pôr de sobre-aviso o observador superficial quanto à incomunicabilidade de uns para outros. A sua sucessão histórica não se realizou ou não se realiza de forma tão nítida como aponteí. Há enredamentos, entrelaçamentos e nem sempre a ordem foi assim tal qual a marquei. O quadro, entretanto, nas suas linhas globais, é esse.

\*  
\*   \*

A esta última transformação histórica da Economia, baseada em grande parte no avanço dos conhecimentos geográficos, devidos à portentosa política de expansão e à ciência náutica dos portugueses, corresponde, sob este ponto de vista geográfico, o extraordinário fortalecimento da acção do homem sobre a distribuição das espécies, a sua acção sobre o melhoramento dos meios e sobre o aperfeiçoamento dos seres vivos. Bem sabido é que já no século XIII, pelas viagens de Marco Polo, de Fr. João de Plano Carpini, de Guilherme Rubruck, de Fr. João de Monte Corvino, de Fr. Odorico de

Pordenone e muitos outros, se estabeleceram relações entre a Europa e o Extremo Oriente, essas terras fabulosas de Cathaio ou ilha de Cipango, mas preciso é atingir o século xv com o Infante D. Henrique e os nossos Afonso de Paiva, Pero de Covilhã, Bartolomeu Dias, Duarte Pacheco, Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama, para se efectivarem, sob um ponto de vista intenso, as relações da Europa com as Índias, quer asiáticas, quer americanas, e com a África.

Desde então o desenvolvimento de curiosidade dos exploradores não parou. Quando se encara um panorama deslumbrante pela vez primeira, não se atenta nas minúcias da paisagem desenrolada ante nós; quando os nossos olhos se vão saciando de beleza é que pouco a pouco vão perscrutando as linhas, a forma, as côres, os contornos, os esbati-dos, que formam o conjunto maravilhoso. O mesmo sucedeu com as descobertas e com as explorações geográficas. Aos Gamas sucedem, por gradações sucessivas, os Garcias da Orta. E, de minúcia em minúcia, atinge-se o conhecimento global da geografia, pela política, pela economia, pela botânica, pela geologia, pela agricultura....

Entretanto os portugueses com aquela esplêndida sagacidade, que demonstraram na preparação e na execução do seu plano imperial, sabiam já ao que iam, tentando penetrar nos países dos aromatos e das especiarias, dobrando a *terra incognita* do continente africano, onde encontrariam as substâncias vegetais capazes de rivalizar com as da flora oriental, que pelo Mediterrâneo vinham até ao mercado europeu. D. João II logo que recebeu a pimenta, trazida por João Afonso de Aveiro, da costa de Benim, mandou-a logo para França a ver se destronava com ela no mercado a pimenta asiática. A preocupação económica envolvia na sua formação, a nossa epopeia marítima sem a manchar ou poluir. O alargamento dos âmbitos da geografia influiu imediatamente na Economia. E essa influência provinha do descobrimento de novas plantas. A malagueta dá o nome a toda uma extensa costa africana, chamada hoje da Libéria, e que vai do Mesurado ao Cabo das Palmas. A botânica valorizada pela Economia marcou padrão em Geografia. A descoberta geográfica trouxe um novo desenvolvimento e expansão à Economia. Descobrir a malagueta (*Amomum granum paradisi*) e outros produtos da África Equatorial, foi assinalar uma época notável na história comercial do mundo (Conde de Ficalho); foi iniciar a luta económica do Atlântico com o Mediterrâneo.

Descobrir caminho ao longo do enorme corredor de 4:000 quilómetros, alongando-se entre Borneo e Celebes, ao norte, Sumatra, Java, Flores, ao sul, e fechado pela Nova Guiné, para chegar às quatro ilhas de Amboina, Banda, Teonate e Tidore, tão cubiçadas por todos os povos comerciantes do mundo por serem as «ilhas das especiarias» donde vinham para a Europa, pela Índia, Pérsia e Arábia, as cargas de noz muscada e de cravo; descobrir esse caminho por mar depois de ter descoberto as plantas, passar da geografia à botânica e ao comércio, fácil é revolucionar o mundo económico.

Mas nem por isso deixa de ser exacta a minha afirmação, antes se confirma, de que aos Vasco da Gama sucedem por gradações sucessivas os Garcia da Orta. Se antes dêste *físico* chegar à Índia, já se abrira para a canela, para o cravo, para os aloes, para o noz muscada, para o sândalo, para a cânfora, o caminho marítimo da Europa; ninguém antes dêles, apesar da *Carta* de Tomé Pires a El-Rei D. Manuel, observara com relativa ciência botânica as plantas, e da experiência da sua aplicação médica e do seu uso na vida quotidiana do homem, tirara, até certo ponto, uma base justificativa e uma razão impulsora do desenvolvimento económico do seu comércio na Europa.

António Nunes já antes ensinara, sob o ponto de vista comercial, como se negociava nos diversos portos todas as drogas e especiarias indiatcas.

O aspecto económico das nossas descobertas no domínio geográfico honra-nos sobremodo. Soubemos dar à Economia um grande impulso, soubemos informá-la scientificamente, tanto quanto a época o consentia; a Economia Política engrandeceu-se com o avanço que soubemos dar aos conhecimentos geográficos, encaminhou-se por nós, para a organização do mercado internacional pela geografia e pela botânica.



Os pioneiros europeus encontraram vegetais úteis já empregados pelos indígenas — os da China, os da Índia, os da América. De Candolle lá nos diz que a aveia, o sorgo, o milho, o arroz, a fava, o feijão, a batata, o pimento, a berinjela, o rabanete, a cebola, o topinambo, o girassol, a alface, a alcaçofra, o melão, a abóbora, e tantas outras plantas que dominam hoje nas nossas hortas e nos nossos campos, são devidas às descobertas no Oriente e na América. Não seja-

mos tão jactanciosos que julguemos tudo devido ao esforço científico da velha Europa e a nossos avós de ontem. Em tempos históricos — para não me aventurar em digressões mais afastadas, ainda — sucessivamente se afirmou em toda a parte o espírito de observação e de generalização do homem. Direi entretanto, de passagem, que o trigo do qual Aaronhson encontrou ha dez ou doze anos, o tipo primitivo na Palestina, já era conhecido sob uma forma diferenciada pelos habitantes das vilas lacustres. Em todos os pontos do globo foi surgindo sucessivamente uma selecção elementar das variedades com o auxilio da acção natural dos solos e dos climas, e um conhecimento — crescente com a civilização — dos meios, da alimentação favorável ao desenvolvimento dos animais, das plantas, e, portanto, dos rendimentos da terra.

E para abaixar o nosso orgulho europeu, direi ainda que há uma dezena de anos foram descobertos no Turkestão chinês, livros impressos no século VIII, isto é, 700 anos antes de Guttemberg. Este grau de civilização tão soberanamente testemunhado assim, faz-me crer com um ilustre escritor francês, que a agricultura chinesa tinha nesse tempo sobre a nossa, o mesmo avanço que a sua imprensa.

Não insisto. Aquela civilização estacionou, e ajudados pela nossa desenfreada e abençoada ambição, tendo-nos fartamente provido de ensinamentos e de materiais nessas paragens longínquas, nós ultrapassamos rapidamente todas essas civilizações e fizemos atingir em Economia esse quarto escalão a que aludi. E dizer quanto a geografia botânica tem alargado e influenciado as cousas da Economia; indico d'este modo como é complexo o estudo da Economia em geral e isto marcando apenas essa complexidade dentro dos limites agrícolas, como princípio apenas a demonstrar, pois, não só acêrca d'este ponto especial há mais a dizer, como terei de aludir a outros de influência capital, no desenvolvimento do âmbito da Economia encarando-a mesmo tão somente sob o prisma que neste momento e neste local sobretudo nos interessa.

Estas influências da geografia botânica — que em realidade só agora o é, — acentua-se decisivamente no século XIX, porque tomam, sobretudo na sua segunda metade, um carácter na verdade científico.

A introdução na Europa de plantas exóticas que alteraram o *faciès* cultural e revolucionaram a economia agrícola, estava feita com o trigo, a batata e o milho. Mas desta data

recente em diante, muito se tem feito, e resta por fazer, guiando-nos a luz certa da sciência, e não o bruxulear do empirismo.

As condições do solo e do clima aproximando-se entre as duas regiões tornam viáveis os intercâmbios das plantas. A nossa flora económica pode enriquecer-se com plantas de regiões temperadas dos dois hemisférios, ou mesmo das regiões tropicais, quando o ciclo da sua vegetação decorra entre a primavera e o outono, como succede com o feijoeiro ou com o milho.

Dentro destas regras, veja-se o alcance económico, verdadeiramente colossal, que resultou da introdução na Europa das cepas americanas resistentes à filoxera. O governo dos Estados Unidos da América do Norte, cujo espirito eminentemente pratico ninguém ignora, manda a toda a parte expedições scientificas que lhe acarretam despezas enormes, à procura de plantas que possam enriquecer a sua agricultura. E assim Fairchild, Webber, Swingle, Scofield, Hausen, Meyer, entre outros, têm dotado a sua terra com a cultura da figueira, da tamareira, das lusernas para regiões sêcas, do arroz aquático para os pântanos, com porta-enxertos novos para árvores fructíferas, etc.

O desenvolvimento económico da colonização dos países tropicais muito pode dever e já deve ao estudo da geografia botânica e sua applicação prática, mais facilitada ahí por serem menores as diferenças climáticas.

¿Nesse sentido quanto tem trabalhado a Bélgica para o seu Congo!? Em Ceilão e em Java, a hevea brasílica garante a produção do *caoutchouc*, ao contrario do *Manibot* e da *Castilloa*. ¿E quantas plantas estão em estudo para se investigar da sua utilização económica, que pode, de um para outro momento, criar inesperadas riquezas, garantir importantes salários, ocupar frotas, criar, emfim, e satisfazer necessidades, que são os estímulos inexgotáveis da civilização!

\*  
\*   \*

E essa mesma satisfação de necessidades que é, em suma, a base de todo o processo económico, e que levou a Economia a subir os escalões que indiquei, também a conduz à produção agrícola vulgar cada vez mais intensa, à repartição cada vez mais apressada para o consumo cada vez maior de uma população crescente. E então torna-se-nos preciso utili-

zar cada vez melhor e cada vez mais os elementos de que dispomos. ¿Como? Melhorando o meio, tornando-o por seu turno cada vez mais apto, a que uma dada planta ou um dado animal, nele se desenvolva mais rapidamente e mais prolifere; melhorando essa espécie ou essa variedade por maneira a que se alcancem formas que forneçam rendimentos superiores em qualidade e em quantidade.

E aqui está como entram em função económica a química, a biologia, a microbiologia, a bacteriologia, a mecânica, a hidráulica, a higiene, a medicina veterinária, a nosologia vegetal, a genética... Não é só a geografia que representa um papel no acto agrícola, com certeza o de maior interesse, da peça de grande espectáculo, profundamente dramática, que é a Economia política.

Ao soberbo progresso da química deve imenso a Economia. «O desenvolvimento da civilização, que seguiu de perto o desenvolvimento da indústria, deve à química tanto como a própria indústria» (B. L. Nanzetti).

A química explicando a razão do emprêgo imemorial dos adubos orgânicos, e em especial do estrume de curral, pôs em evidência o papel do azote na vegetação e de outros elementos essenciais para a vida das plantas; chamou com Humboldt à utilização no cultivo das terras, primeiro o guano e o nitrato de soda, fontes de azote, depois os superfosfatos, em 1843, graças a Liebig e a Lawes, em seguida, aí por 1862, a potassa. Se juntar a Lawes, os nomes dos sábios Gilbert, Georges Ville, Boussingault, Joulie, Müntz, Girard, Déhérain, etc., etc., tenho apontado alguns dos da pleiade dos cultores da química a quem se deve a orientação no emprêgo raciocinado, científico dos adubos químicos em geral, que levando um acréscimo de fertilidade aos terrenos permite um acréscimo no stock alimentar das populações esfomeadas.

Mas o azote dos nitratos é esgotável e a necessidade dêste elemento é inesgotável. A química aliada à electricidade acudiu a esta crise económica aflitiva. ¿Sem azote não há pão, não há alimento que chegue! Utilizou-se o azote infundável do ar atmosférico. Captou-se. ¿A electricidade e a química serviram nesse momento amplamente a Economia mundial! E como se ainda fôsse lenta para a pressa da necessidade a acção dos adubos postos pela sciência, a disposição da lavoura, veio a catalise, ramo recém-nascido, se pode dizer, da química, activar os seus efeitos.

Mas nem só a química tratou de melhorar o meio para utilizar-se no fenómeno económico. A microbiologia e a

bacterologia pela palavra de Pasteur, Müntz, Rigel e Wilfarth explicaram o que faltava aclarar no campo da fertilização dos solos e graças às descobertas destes dois últimos sábios, cerca-se já hoje de perto a possibilidade da inoculação de bactérias fertilizantes na terra.

A mecânica contribuindo no decurso do século XIX, por um lado, para o melhoramento do meio com as charruas aperfeiçoadas (Brabante dupla, polifolias), lavoura a vapor, motores, aplicações de electricidade; por outro, para a redução do preço de custo e aperfeiçoamento da apresentação do produto com a invenção dos semeadores, ceifeiras, debulhadores, crivos; veio também facilitar o processo da ciência das riquezas.

A hidráulica agrícola consentindo a utilização de terrenos encharcados ou de terras áridas, pelo uso científico da drenagem e da irrigação trouxe à evolução dos ciclos económicos consideráveis auxílios. Basta apontar para as irrigações do Egito e da Índia inglesa....

E ainda não falei dos animais. Tenho-me limitado às plantas. E já agora a elles não aludirei no que respeita à interferência da química, da hygiene, da veterinária, da bacteriologia, não me sugerindo também, ao citar esta última ciência, aos grandes serviços económicos prestados por ela, aliada à mecânica, no campo da leitaria, no da oenologia, e, em geral, no de todas as indústrias agrícolas.

Outro tanto posso dizer da patologia vegetal, do tratamento das pragas que afligem as plantas. O sulfato de cobre, o enxôfre, para falar só dos bem conhecidos remédios contra o *mildio* e contra o *oidio*, são, na verdade, agentes salvadores de massas imponentes de riqueza económica. Mas outros há para outras moléstias, cuja descoberta implica árduo labor científico, tanto mais economicamente útil, quanto certo é que tanto mais aperfeiçoamos os vegetais para nosso uso, mais também elles perdem seus vigores de resistência primitivos e menos resistem aos assaltos da doença ou da praga.

\*  
\* \*

Mas deixo tudo isso para explanações mais demoradas em circunstâncias diferentes.

*Melhorou-se, pois, o meio* maravilhosamente. E a Economia mundial firmou-se na sua expansão. A planta e o animal agrícolas desenvolvem-se com maior rapidez e proliferam

com maior celeridade; entram mais cedo e mais abundantes no turbilhão económico que engrossam e aceleram. A agricultura inscreve-se denodadamente sob a rubrica de Economia progressiva.

Encare-se outro capítulo: o melhoramento das espécies e das variedades, visando à obtenção de formas de maior rendimento quantitativo e qualitativo.

A genética, ou seja a biologia geral, a que a descoberta no alvorecer do século xx, da lei do monge austríaco Grégor Mendel, velha, já de trinta anos, contemporânea de Darwin, mas por êle ignorada, veio dar um espantoso impulso, actua desde logo com uma importante cota na evolução económica.

A queda da teoria de Darwin deixara um enorme vácuo que estes novos estudos se propõem preencher, caminhando já tanto, que em vinte anos se adiantou para um neo-mendelismo que explica tão bem os diferentes produtos de cruzamentos e nos fornece os meios de fazer aplicações muito interessantes, indo até à formação de novas espécies.

A selecção vem certamente de muito longe, ainda que apenas intuitiva e como que feita sem a intervenção do homem pela influência seleccionadora do solo e do clima. Prova-o, por exemplo, o trigo, uma das plantas menos variáveis, de que se encontram, contudo, desde épocas remotas, variedades bem distintas, exparsas em regiões de áreas restritas; prova-o ainda o exemplo da couve cultivada nas suas variedades tão diferenciadas, da couve-flôr, da couve de Bruxelas, da couve-rábano, da forraginosa, existentes desde recuados tempos.

No século xx, porém, entra a selecção a ser alvo da observação metodizada e inductivamente científica, chegando a resultados apreciáveis, mas ao findar o século xix ainda Grandeaupodia exclamar: «A sciência agrícola moderna, hipnotizada pelas descobertas da química e da mecânica, abandonou quasi completamente a biologia das espécies cultivadas».

E entretanto já existiam os métodos genealógicos de cuja applicação se regista o estrondoso successo sueco, agricolamente e economicamente pratico, dos laboratórios de Svalöf. Contudo Grandeaupodia tinha razão.

O método de estatística biológica applicado por Quetelet e Galton, demonstrando que a vida obedece a leis mathematicas e depois sua confirmação pelas leis mendelianas resultantes do estudo de cada carácter dos seres vivos, reproduzindo-se

•

de uma forma independente uns dos outros, podendo, por assim dizer, cultivar-se em separado cada aptidão e ligar-se por hibridação com outras aptidões apetecidas em variedade diferente; trouxe por fim ao movimento económico agrícola novos incrementos de raro valor por serem de uma fixidez e segurança, que permite caminhar na produção sem os riscos e as contingências das variações desordenadas de Nandin ou oscilantes de Schribaux. Deve-se prestar comtudo a Nandim a homenagem justíssima de colocar seu nome ao lado do de Mendel.

Os princípios de Mendel foram desenvolvidos e aperfeiçoados na América, na Austria, na Inglaterra... Com seu espírito prático, foi neste país que se demonstrou como tanto se applicavam aos caracteres fisicos como aos químicos e fisiológicos e daí resultou que Biffen, por exemplo, reuniu em uma só planta a grande produtividade de uma variação de trigo com a qualidade panificadora de uma outra. E fê-lo em poucos anos com segurança, sem hesitações. Da *ferrugem* ficaram imunes variedades ótimas de trigo que à moléstia eram sujeitas, graças à interferência de outras variedades resistentes mas menos apetecidas.

E o que succede com as plantas, dá-se com o gado. O criador inglês, mórmente, é já hoje como que um escultor em carne viva; e mais do que isso, pois não só dá, quasi que à sua vontade, a forma que deseja aos seus animais, como também a aptidão que lhe convém explorar neles para a expansão económica.

\*  
\*   \*

Não me demorarei mais no assunto. Quanto deixo dito basta para mostrar como no estudo da Economia e no desenvolvimento e evolução da Economia, influem os avanços de todas as sciências afluentes da agricultura, ainda aquelas que mais afastadas parecem estar dos dominios económicos.

E a agricultura, quer nas suas manifestações estáticas como dinâmicas, é tanto o nervo locomotor de toda a Economia, que estamos regressando em Sciência Económica e sob certos pontos de vista, às doutrinas fisiocráticas dos primitivos economistas, começando a dar um lugar proeminente à agricultura, depois de a termos visto escorraçada de todas as preocupações dos sábios nesta matéria, quer nas cátedras como nos livros, dos estadistas, dos legisladores, dos homens de sciência pura ou applicada e dos capitalistas.

Hoje em dia, e mórmente após a tremenda guerra, onde se demonstrou que sem pão são inúteis as espingardas, todos os olhares, todas as atenções, todos os cuidados para a agricultura vão.

Mas como a deixaram ultrapassar de muito pela indústria, a rapidez extraordinária da sua marcha nos caminhos do progresso, de há cincoenta anos a esta parte, não é a bastante ainda para emparceirar com a sua rival que, transformada no decurso do século XIX pelas aplicações da sciência, — trabalhando só para ela, — e fazendo verdadeiros milagres, tomou um alento de tal possança, de tal amplitude, e de tal maneira irresistível, que é impossível à agricultura irmaná-lo e acompanhá-lo, como impossível é vaticinar onde elle parará.

As crises, porém, por êsse excesso de fôrça, provocadas e cada vez mais repetidas, talvez provoquem um abrandamento de marcha de que resulte o equilibrio entre a indústria triunfante e a retardada agricultura (J. Meline).

O insistente preconceito de que o trabalho da terra nada tem com a indústria, durou muito e ainda se mantém em muitos espiritos de meia illustração, a despeito da terra não ser mais «do que uma vasta officina transformadora, como as outras, de matérias primas, e submetida, como as outras, à grande lei que domina todas as indústrias: com um instrumento dado produzir o mais possível, o mais barato possível». Esta verdade calou no geral do ânimo público, mórmente nas classes de superior illustração, e a sciência penetrando na prática da agricultura, transformou em cincoenta anos os métodos e a utensilagem da cultura, como temos vindo a demonstrar, avultando a capital importância da sua repercussão na fixação e desenvolvimento da quarta fase da evolução da Economia.

Esta verdadeira transformação da agricultura e êste seu caminhar a passos de gigante, êste seu assemelhar aos processos e aos fenómenos económicos da indústria, alteram por completo o ponto de vista do ensino superior da *Economia agrícola*, que deverá antes chamar-se *Economia política rural*, por isso que integrada está em todos os grandes movimentos e ideais económicos.

Vai afastado já o aspecto da marcha divergente da indústria e da agricultura. «Quanto mais se desenvolvia, se aperfeiçoava a indústria, apelando para todos os recursos da sciência, lançando-se violentamente nas novas sendas, mais a agricultura parecia pôr seu amor próprio em apoucar-se,

mais se ensimesmava, mais affectava isolar-se da grande revolução científica e económica que se desenrolava em tórno dela».

Percorra-se o índice da qualquer tratado ou curso recente de Economia Política e logo se notará, não só como a agricultura tem agora interesse directo em conhecer os assuntos de quasi todos os seus capítulos, como para elles dá ou possui elementos de estudo de vital interesse. Pegue-se no mais recente que tenho. A data é a deste ano de 1921. Logo de entrada, nas noções gerais, a classificação das terras e dos capitais, entre os quais para nós avultam os agrícolas; a fixação da idea de propriedade, tão obliterada nos tempos que decorrem, a discussão das várias doutrinas que a tal respeito têm curso, o exame da *população* que nos interessa sumamente, assim como a análise da demografia agrícola que se impõe a qualquer que deseje conhecer economicamente um país ou o mundo. Da actividade económica deste ser colectivo que é a população, depende a agricultura, assim como a inversa é igualmente justa.

As grandes correntes da doutrina económica interessam hoje em dia, em extremo, a agricultura, por isso que estão passando nas teorias para a prática e das cidades industriais para os campos.

Na organização da produção, no estudo das bases técnicas da Economia, surge-nos a técnica agrícola, as questões da cultura extensiva e intensiva, os afolhamentos. Logo a seguir no exame das relações applicáveis ao capital e ao trabalho, encontramos o estudo dos modos de administração da exploração rural, a enfiteuse, a administração directa, o arrendamento, a parceria, as convenções colectivas e individuais relativas ao trabalho, a organização científica do trabalho agrícola, o exame do rendimento decrescente. Depois com o estudo da concentração das empresas, temos a larga análise sob o ponto de vista jurídico, económico, social, técnico e estatístico, das grandes e pequenas explorações agrícolas. Sucessivamente vem apresentar-se ao nosso estudo a organização do comércio e dos mercados agrícolas, com suas especulações animais e vegetais, assunto cada vez de maior realce à proporção que a agricultura se industrializa e comercializa; a questão dos transportes; o seguro; a associação cooperativa, questão que já hoje atinge para o lavrador a máxima importância.

¶ No capítulo destinado à moeda, ao crédito e à formação dos preços, capítulo que ainda há pouco, se pode dizer, era

de somenos interêsse para economia rural, quanto há a esmiuçar respeitante aos bancos, suas operações e suas organizações?! Ao crédito se deve a possibilidade da industrialização e comercialização da lavoura, que provém do uso de todas aquelas armas, que as sciências enumeradas têm posto ao serviço da agricultura. E por aí se chega à vantagem — ¿que digo? — à necessidade do conhecimento das relações económicas internacionais com estatísticas e factos, com a análise da política dêsse comércio e da sua balança de contas.

Da repartição dos bens temos que estudar os salários, problema de magna importância no momento presente; o rendimento do capital; o lucro.

Finalmente, encaramos as questões sociais com o movimento operário, que outrora andava arredado das preocupações agrícolas, e hoje é uma delas e não das menores; com a luta contra a falta de segurança económica; com as várias modalidades que, sob o ponto de vista agrário, toma nos vários países, mórmente no respeitante à repartição do solo, que nestes últimos tempos tem tomado novas veredas.

O caminho que tenho de percorrer com os meus alunos, como vêem, é longo mas reputo-o atraente pela variedade dos aspectos na unidade de vistas, e porque não tenho, lendo o curso no quinto e último ano da formatura de agrónomos, de entrar em minúcias que porventura sobrecarregariam enfadonhamente e em demasia as minhas deduções. Essas minúcias trazem-nas os meus discípulos de quatro anos de estudo em que percorrem todas as sciências a que aludi e terei de aludir, simplesmente para lhes chamar à lembrança um outro ponto essencial.

Estamos em Portugal, bem o sei, e é com satisfação que o sei. Constantemente me referirei à nossa terra e à sua gente, mas não esquecendo nunca que vivemos em plena fase de Economia mundial, e que à pátria todo o mundo interessa.

D. LUÍS DE CASTRO.